

# AURORA CEARENSE.

JORNAL ILLUSTRADO, LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

ANNO I.

A AURORA CEARENSE publica-se uma vez por semana com duas paginas de gravura e seis de texto, além de supplementos contendo estampas sempre que for possível. Assigna-se na praça da Municipalidade n. 31 á razão de 5U000 por semestre e 10U000 por anno. Para fóra da capital e da provincia as assignaturas serão reguladas á razão de 6U000 por semestre e 11U000 por anno. O pagamento é sempre adiantado.

NUMERO 2.

DOMINGO 3 DE JUNHO DE 1866.

## AURORA CEARENSE.

### O Ceará agrícola e creador.

A dignidade, os louvores, os favores e os privilegios da agricultura tem sido e são assumpto vasto de pennas mui bem aparadas de escriptores de credito.

As leis agrarias tem sido e devem ser o principal objecto das legislações mais sabias; porque toda a felicidade de um estado depende certamente dos lavradores que fazem a sua forga, e são como os nervos do corpo politico. A agricultura é a escola, donde sahem os homens os mais habéis e necessarios para as letras, armas, artes e commercio.

E' tambem verdade que ellas dependem umas das outras, e necessitam de seus mutuos auxilios; mas a agricultura é o fundamento. O seu exercicio, pois, a sua applicação é muito e muito louvavel, é profissão muito honrosa, e o legislador brasileiro lhe deve dar todo o favor, lhe deve prestar toda a attenção; porque o interesse publico, consistindo entre nós mais na cultura das terras do que nas outras profissões, essa profissão honesta e louvavel desterra a ociosidade, e tornará populosas, respeitadas e opulentas as nossas cidades.

Deve ser, portanto, um dos principaes cuidados do legislador quer geral, quer provincial não sobrecarregar de tributos a produção agricola. E' erro e erro gravissimo obstar os progressos da agricultura gravando-a de impostos. Este cuidado, que preocupou Massinissa rei d'Africa, obrou os effeitos de reduzir á cultura os vastos desertos de Numidia e da Barbaria mediterranea até serem abundantemente fructifera.

Convimos e confessamos que as nossas leis modernas e o governo não hão tido inteira derelicção sobre esta materia, tanto assim que já hoje temos um ministerio particular da agricultura; mas fôr-goso é dizer que ainda são mui diminutos os auxilios prestados aos que se empregão neste principal ramo de riqueza publica em um paiz como o nosso.

Parece justo que o governo geral dedique-se com perseverança em proteger a acquisição dos meios de fazer prosperar a agricultura. Dest'arte elle tirará não só um feliz resultado para a receita geral, mas ainda para a fortuna particular; e este commum beneficio, trazendo a abundancia, tornaria prompto o engrandecimento das povoações, que aliás não podem medrar por falta d'esses auxilios.

E porque, ao passo que não tendo emigração, ao passo que os braços escravos desappa-

recem, o recrutamento hade pesar tanto sobre a população agricola?

O que é que acontece entre nós pelos defeitos do recenseamento para o exercito e armada?

Ahi estamos vendo cada dia que para a milicia não é arrastado o ocioso, que vaga pela praga publica; mas o homem do campo, o que sulca e amanha a terra com a enxada ou arado, para d'ella tirar os fructos.

E querem que os generos alimenticios abundem?

Puro engano!

Por outro lado vemos que os nossos agricultores menos abastados, e que não podem dispor de capitaes na compra de machinas para melhoramento de seu trabalho, não são coadjuvados pelo poder publico, que aliás podia annualmente fornecer-lhes essas machinas mediante a indemnisação parcial do custo desse fornecimento.

Vemos ainda que em geral as vias de comunicação acha-se, senão de todo intransitaveis, pelo menos em estado de difficil transito.

Fallando positivamente da provincia do Ceará, o que é que podemos satisfactoriamente annunciar que se haja feito para animar a agricultura e criação de gados?

Pouco, bem pouco!

Si a assembléa provincial, o governo, as camaras municipaes e todas as autoridades por um sentimento commum tomassem debaixo de suas vistas a protecção que todos concordão dever dar-se aos agricultores e creadores, por certo que a fertilidade deste solo não permittiria mendigarmos em algumas occasiões a colheita dos visinhos.

O Ceará com os braços de seus habitantes, com os pequenos capitaes de que dispõe, apesar da ingrata estação das seccas, que o affligem em alguns annos, teria sobraçado a algumas das pronuncias irmãs, e esse crescimento progressivo e lento se faria admirar pela sua rapidez e pujanga.

Nossa imprevidencia em tão transcendente assumpto tem sido culposa, não fazendo o que é possível fazer em bem da agricultura e criação de gados. Possa o exemplo dos melhoramentos materiaes, partindo da capital, dar emulagão e diffundir-se por todos os angulos da provincia, e por certo que hade florescer o nosso estado.

Si não podemos ainda ter vias ferreas, tenhamos estradas de rodagem, e não essas que são perpetuo incommodo e perigo aos viandantes, aos que conduzem aos mercados os productos de suas estancias.

Não seja para nós objecto de irrisão e menosprezo a mão calejada do camponio; não o afflijamos arrancando-lhes os filhos e aggregados para o serviço das armas, com o incessante destacamento da policia; aproximemos dos nossos mer-



cados seus productos agricolas pelo bom trajecto das distancias, que elles, quando não achem prompta sahida, serão procurados d'alem mar, e uma nova éra cheia de esperanças de um futuro grandioso se abrirá para esta interessante provincia.

Quizeramos ir mais longe com as nossas considerações, mas tememos desviar-mo-nos em increpações singulares, a despeito mesmo do nosso proposito.

### O exercito e armada.

Não ha duvida que a guerra seja um mal. Affirmar o contrario seria querer sustentar um paradoxo.

Com effeito a guerra é geralmente tida por uma calamidade composta de todas as outras; na guerra não ha mal, que se não padeça, nem bem que esteja seguro: não estão seguras as vidas, não estão seguras as honras, não estão seguras as fazendas, não estão seguras as pedras, não estão seguros os templos de Deos, nem Deos com os templos está seguro; pois contra militares furores e insultos nem a Deos valle a soberania, nem aos impios immunnidade.

Os estragos da guerra são mais temiveis e horrorosos que os da peste. No flagello da peste a morte é inevitavel, no flagello da guerra a morte é contingente. Entretanto quando Deos mandou intimar a David a escolha de um destes dous castigos, preferio o rei profeta a peste, por considerar talvez que ella, sendo morte para os viventes, deixa tudo o mais com vida, o que não succede com a guerra, que é morte universal para os homens, para brutos, para searas, para muros, para casas, e para tudo o que tem ser.

Ora em vista destas ligeiras considerações, como poderemos sustentar que a guerra é muitas vezes um bem necessario, e que a actual guerra com o Paraguay tem sido para o Brasil uma fonte fecunda de gloria e de utilidade?

Prosigamos.

O imperio em longa paz com os paizes estrangeiros dormia indolente ácerca do que se póde chamar sem hyperbole os dous polos, que sustentão a paz e tranquillidade dos povos, isto é, o exercito e a armada.

Soou o grito de guerra ao Paraguay, e a guerra veio dar um utilissimo abalo ao corpo politico, exaltar o caracter nacional, accender o patriotismo, e fazer nascer ou produzir sentimentos de gloria.

A guerra veio abrir as paginas da historia aos filhos do ardimento, e atear nos corações o desejo de grandes feitos. Na guerra actual temos visto com admiração em nosso exercito de terra e mar acções de heroismo e todas as qualidades, que tornão verdadeira a gloria militar.

Como na guerra actual a nossa intenção e o motivo são justos, a celebridade dos que nella propugnão pela independencia e integridade da nação, pela causa da civilisação, não molhará o nome dos vencedores com o pranto e queixa dos vencidos, porque os futuros cidadãos da republica conquistada abençoarão os seus libertadores.

O que resta pois aos altos poderes do Estado praticar, finda a honrosa missão da luta, em que estão empenhados todos esses, que tem sustentado com dignidade o brio nacional na guerra do Prata?

Resta vigiar mais cuidadosamente o seu futuro, quando terminado o seu tempo de milicia; resta significar-lhes que o governo do paiz sabe apre-

ciar devidamente a nobre conducta do soldado, sua bravura, sua disciplina, seu patriotismo; resta exemplificar pelos actos de munificencia, que não é em vão, que derramaram seu sangue, e se tornaram invalidos, ou briosamente acabaram no sagrado cumprimento do dever.

Já agora conta o imperio com uma marinha mais numerosa, e a classe dos que a profissão, sendo como até então cheia de privações, necessita de estímulos para que seja abraçada sem repugnancia.

Ordinariamente a vida maritima não é procurada senão por alguns jovens, que podem seguir os estudos academicos, porque tem as privações aos postos da armada; mas a vida do soldado marinheiro é profissão olhada como existencia mais que nenhuma outra penosa. Já se deixa pois ver, que a não proporcionar-se vantagens, que excitam e convidem a mocidade a ir buscar nos campos de Anphitrite os meios de subsistencia, e quicá os applausos e a estima publica, e um nome assignalado, a armada não tomará o incremento desejado para o brilhante futuro do Brasil com um litoral tão vasto e pouco fortificado para invasão estrangeira inimiga.

Semelhantemente a milicia de terra deve ficar ao abrigo da mendicidade, e mui providentes devem ser as leis que regulão o exercicio dessa profissão, para que não succeda, que as praças de pret, que tiverem passado os mais vigorosos annos no serviço das armas, venhão a esmolar a caridade publica depois de inutilisados com perpetuo clamor da equidade nacional.

## RELIGIÃO.

### Juizo final e eternidade.

Da leitura que temos sobre materias religiosas ainda não deparamos com uma opinião incontestavel sobre o lugar do juizo final.

Lemos no capitulo 3.º da Prophecia de Joel estas palavras:—Eu reunirei todos os povos, e leval-os-hei ao valle de Josaphat, e alli entrarei com elles em juizo no tocante a Israel meu povo e minha heranga, a quem elles espalhavão entre as nações, e no tocante a minha terra, que elles dividirão entre si. Levantem-se e vão as gentes ao valle de Josaphat, porque alli me assentarei para julgar a todas as nações em circuito.»

Fundado n'este texto da Biblia se diz geralmente que o juizo final será no valle de Josaphat; porem nada ha de certo ácerca do lugar d'esse juizo, e os padres não são concordes neste ponto. Entre tanto é este um dos principaes artigos da Fé Catholica.

E porque?

Porque Jesus Christo nos ensina elle mesmo na Divina Escriptura, que no fim do mundo todos os homens resuscitarão para serem julgados segundo suas obras.

Isto posto, pouco importa saber o lugar d'essa reunião universal; quanto a nós, o que mais importa saber é que no ultimo dia da nossa vida devemos estar preparados para receber o SEM HOR; porque o estado em que a cada um achar no ultimo momento de sua vida, que ignora quando será, esse terá no ultimo dia do mundo, e esse decidirá a sorte que lhe hade caber por toda a eternidade.

Eternidade!

E quem ha que possa medir tua extensão sem limites?



Quem pode sondar tua profundidade immensuravel?

O mathematico terá numeros para computar as progressões do tempo, o astronomico terá instrumentos para calcular as distancias dos astros; mas quaes serão os numeros, quaes os instrumentos, que poderão medir os terminos da vasta e interminavel eternidade?

Um santo padre confessa não achar em todas as cousas creadas e temporaes semelhança alguma da eternidade, porque tudo o que se disser a respeito della é pouco. *Quid quid dixeris de ceteritate, minus dicis.*

Certo escriptor, querendo dar uma ideia da eternidade, faz estas comparações, que ainda para elle, e por certo tambem para nós, são limitadissimas, ou infinitamente pequenas.

Supponha-se, diz elle, que a eternidade durará tantos milhões de seculos, quantas são as gottas do mar, que são innumeraveis: *minus dicis*; a eternidade é mais do que isso.

Ajuntem-se as gottas d'agua do mar, as estrelas do céu os grãos de arêa em todas as praias, os grãos de sementes em todos os campos, as faiscas em todos os incendios, os cabellos e pêlos em todos os animaes, as pennas em todas as aves, e multipliquem-se estas cousas umas pelas outras, e supponha-se que a eternidade durará tantos milhões de seculos, quantas são todas estas cousas. *Minus dicis*, é pouco; porque a eternidade é mais do que isso.

Supponha-se ainda que todo o mundo é de bronze, e que de um milhão em um milhão de annos se lhe dá uma pancada com um martello, quando estivesse este bronze todo gasto estaria acabada a eternidade? *Minus dicis.*

Supponha-se que todo o mundo é um bosque, e que um insecto de mil em mil annos lhe dá uma picada com o ferrão para o roer, quando estiver este bosque todo roído, estará a eternidade acabada? *Minus dicis.*

Supponha-se que todo o mundo é um mar, e que um beija flor de mil em mil annos tirava d'elle uma pinga d'agua, quando esta agua estivesse toda gasta, estaria exaurida a eternidade? *Minus dicis.*

Supponha-se finalmente que o mundo todo é um incendio, e que um condemnado de mil em mil annos derrama uma lagrima para o apagar, quando este incendio estivesse apagado, estaria a eternidade consummada? *Minus dicis.*

Tudo é pouco, a eternidade ainda dura mais.

Si pois a eternidade é infinita, porque razão os que desejão viver eternamente na outra vida, não se preparão com a observancia dos mandamentos de Deus e da Igreja para essa vida sem fim?

Bem descuidosos são os homens do que mais lhes interessa!

## JURISPRUDENCIA.

Para verificar-se a reincidencia nos termos do art. 16 paragrapho 3. do codigo criminal é indispensavel que o primeiro crime tenha sido irrevogavelmente julgado?

Em theoria não ha mais questão a tal respeito; quasi todos os criminalistas ensinão que a condemnacão anterior é indispensavel para que se dê a circumstancia da reincidencia; todos os codigos das nações antigas e modernas assim o determinavam expressamente. Si ha alguém que se tenha constituido

excepcional, não sabemos, nem o dizem Chauveau e Helie que os cita todos.

Segundo o nosso codigo o que decidir-se a tal respeito?

Eis a questão.

Antes de tudo convém notar uma cousa; a acquiescencia que todos os legisladores e homens da sciencia tem prestado á necessidade da condemnacão anterior de um crime, para dar-se a reincidencia, fez com que, segundo o autorizado testemunho de Ortelan, se tome a palavra reincidencia em um sentido juridico fixo e corrente; ella é consagrada para designar o facto do criminoso que, depois de uma primeira condemnacão pronunciada por infracção da lei penal, commette uma nova infracção da natureza da procedente.

Ora, si é esta a doutrina corrente a tal respeito desde muito tempo, si é verdade que *pro certitudine accipiendum quod semper, quod ubique, quod ab omnibus creditum est*; si tambem é verdade que a justica não tem limites naturaes senão nas imposições da lei moral e do interesse social, e não em mares e montanhas; si é certo que o codigo criminal foi confeccionado depois que corria invariavelmente semelhante doutrina, como pretender-se que o nosso legislador desejou fazer uma reforma na doutrina? Não é possivel que elle tivesse empregado no nosso codigo essa expressão tomadã no sentido juridico que ninguem mesmo lhe contesta, que tem vigorado em nosso fóro, deixando ás leis do processo, como devia, o cuidado de detalhar as condições em que a condemnacão anterior de um crime devia servir de base á reincidencia? Certo que sim.

Por conseguinte é inegavel que a affirmativa é a unica resposta plausivel.

Demais, o art. 20 diz que as circumstancias dos arts. 16, 17 e 18 deverão ser provadas. Ora a circumstancia da reincidencia está no primeiro crime da natureza do seguinte: logo esse primeiro crime deve ser provado; e como a cada facto deve corresponder o seu genero de provas, o genero de provas dos crimes não é o mesmo que o de outras circumstancias occurrentes na pratica de um crime. Assim como, por exemplo, um contracto se prova com uma escriptura, assim a prova do crime, devendo ser a mais segura e cabal, deve ser seguramente a sua sentença condemnatoria; porque em quanto houver recurso, emquanto a sentença puder ser reformada e absolvido o réo, como se poderá dizer que o crime está provado? Si o crime anterior, base da reincidencia, deve ser plenamente provado (art. 20) si essa prova é a condemnacão, é claro que esta é uma condição para que se possa reconhecer a circumstancia da reincidencia.

Além disso, porque razão a reincidencia é uma circumstancia aggravante?

Porque, de um lado o delinquente denota seguramente, sinão a pertinacia em infringir a lei, ao menos, a perversão das ideias moraes, a preponderancia das más inclinações; e de outro lado a sociedade vê nesse individuo um maior perigo, porque o alarma por elle produzido é maior: « ha pois no autor da reincidencia uma culpabilidade especial, moral, e politica ao mesmo tempo. (Rossi). »

Logo é mister que essa culpabilidade seja exuberantemente provada, porque a justiga humana, por si ja tão fallivel, não deve augmentar as chances de sua contingencia, procedendo precipitadamente na punição rigorosa dos crimes, guiando-se pelas mais leves sombras. Ora essa prova exuberante que a justiga deve buscar, onde poderá existir?

Sustentamos que a marcha da justiga será tanto mais segura e, portanto, efficaz, quanto mais garantias ella estabelecer para o perfeito conhecimen-



to da verdade, que a verdade será tanto mais conhecida quanto mais escrupulosamente for examinada, quanto maior e mais garantidor for o numero de tramites por que passar esse exame. Esses tramites, esse exame o julgamento os offerece, e por isso uma sentença condemnatoria, expressão desse julgamento, é a melhor prova da verdade. Assim a justiça que tem esse melhor meio de prova, não o deve desprezar para langar mão de outro; e na sua ausencia não deve dizer=aqui está a verdade =maxime quando se trata de punir, porque então mais do que nunca se deve praticar aquella bella maxima de equidade=*favores ampliandi, odiosa restringenda*.

Demais o art. 61 diz que=quando os réos forem convencidos de mais de um delicto se lhes imporá successivamente a serie de penas em que elles incorram. Ora não se decreta uma pena sem um julgamento, sem uma condemnação: logo quando o réo fôr convencido de mais de um delicto passará por mais de um julgamento, por mais de uma condemnação.

Avista disto, pois, não é claro, segundo o espirito do nosso cod, que nenhum crime pode servir de base á reincidencia, e nem portanto agravar um crime subsequente sem que tenha sido julgado e condemnado antes do posterior?

Cremos que sim.

Costuma-se objectar dizendo que, si a condemnação anterior é indispensavel para que se dê a circumstancia da reincidencia, dado o caso que depois de uma condemnação appareção provas convincentes da innocencia do condemnado, ou não se ha de mais livral-o [da pena, o que é atroz, ou se ha de innocentar-o, se ha de admittir n'este caso a valia de outras provas que não uma condemnação, com grande contradicção do principio, que só si vê uma prova do crime na condemnação.

Mas é que não se reflecte que a justiça deve antes suppor a innocencia do que o crime, que este pois deve ser sempre provado do modo o mais seguro possivel, e que aquella não pôde ficar ainda soffrendo em consequencia de uma condemnação indevida, uma vez que se prove claramente a sua improcedencia, prova que n'esse caso é apreciada pelo poder moderador.

Em todo o caso se deve sempre applicar o principio *odiosa restringenda, favores ampliandi*. Si se trata de estabelecer a existencia de um crime entre a simples apresentação de provas e o exame d'ellas produzindo uma decisão baseada, deve-se sem duvida escolher este ultimo meio de prova; entre uma sentença indevida e as provas patentes que a invalidão não se deve fechar os olhos a estas, porque ainda d'esta vez não se deve sustentar a todo o transe as contingencias da justiça já que se não as pode sanar. Não procede pois o argumento.

Dizem ainda que a doutrina sustentada por nós é má, porque por ella um individuo que commetteu na sua vida um segundo crime, depois de um primeiro da mesma natureza, pelo qual fôra condemnado pouco antes, é mais severamente punido do que o que commette ao mesmo tempo muitos crimes, e é julgado na mesma occasião.

Mas ainda que assim fosse, isso provaria tanto contra nós, como prova contra a justiça e a lei a impunidade prolongada de alguns, comparada com a prompta punição de outros.

Demais, onde está o art. 61 e a sua disposição terminante? Aliás quem disputa sobre conveniencias de um systema, não parece negar a sua existencia, e portanto, em vista do nosso cod. ninguém pôde, sem admittir que elle consagra a nossa doutrina, disputar sobre a sua procedencia.

De todas estas conclusões, pois, para dar-se a reincidencia, segundo o nosso cod., é mister a condemnação anterior do primeiro crime.

## CHRONICA JUDICIARIA.

### Juizo Municipal.

Houve audiencia do civil, commercio, crime e orphãos na quarta feira e sabbado desta semana.

Foram publicados os despachos e sentenças seguintes:

*Autora — a irmandade de N. S. das Dôres.*—Réos o coronel José Antonio Machado e sua mulher.

\* Vistos os autos etc. Pede a irmandade de N. S. das Dôres da matriz d'esta cidade aos réos coronel José Antonio Machado e sua mulher a terra que lhe fôra legada por José Ferreira da Silva no sitio denominado Meirelles, de que estão de posse os mesmos réos. A autora apresenta como prova do pedido a certidão do testamento com que fallecera o doador (autos fl. 9 e 16) na qual está a verba da doação; e o depoimento testemunhal de fl. 30 a 32. Allega que as leis da amortisação não obstão ou vedão possuir bens de raiz; que n'este sentido, de—poderem as corporações de mão morta possuil-os na conformidade da Ord. Liv. 2.º Tit. 18 § 1.º, foram expedidos a circular de 22 de outubro de 1864 n.º 316, e avisos de 23 de agosto e 15 de setembro de 1865. Allega mais que o titulo por que possui não é oneroso, porém lucrativo, e que o direito citado pelos réos não diz respeito a este ultimo modo de possuir; e finalmente que não existe a prescripção, por não existir boa fé da parte dos réos, quando dizem que compraram ao procurador da irmandade sem provarem, entretanto, esta asserção por escriptura, sabendo não poder o mesmo procurador fazer essa alienação sem o consentimento da irmandade, ou fosse a venda feita dentro do anno e dia, ou fosse depois d'esse tempo: o que posto, não aproveitava aos réos o lapso de tempo decorrido a que elles unica e mais valiosamente se apegão. Ainda allega a autora que o quantum da terra doada e hoje pedida vem desde o correio ou lagamar do Mucuripe até os morros dos Guaguru's, com a largura de meia legua na forma da doação; e pretendendo fazer prova dos limites com a vestoria a fl. 39 v. conclue por pedir a reivindicacão da terra supracitada com o valor das deteriorações e lucros cessantes, que estima em quatro contos de rs. Os réos contrariando o pedido da autora, allegão que a terra de que se trata é de seu dominio, porque a compraram por 200U000 rs. ao procurador da irmandade da senhora das Dôres, Manoel Vieira da Costa Perdigão ha 30 annos, tempo que ha decorrido de sua posse; e por prova do mesmo dominio e posse apresentam o depoimento testemunhal de fl. 24 a fl. 29. Dizem mais que, na impossibilidade de adquirir e possuir a irmandade por mais de anno e dia a terra doada, elles réos, para prevenir a reversão da dita terra para a fazenda nacional, fizera dita compra. Allega a prescripção da reivindicacão pela posse mansa, pacifica e não intorrompida de mais de 30 annos; e finalmente que a terra doada não tem a extensão, que lhe dá a autora, porque, segundo a mesma verba do testamento, a doação foi somente do sitio Meirelles com as bemfeitorias existentes dentro das cercas naquelle tempo em dito lugar. Do allegado e produzido como prova por uma e outra parte litigante o que se verifica sem contestação é



que José Ferreira da Silva, por testamento aprovado em 6 de maio de 1807, escrivão Vasconcellos, doára á irmandade de N. S. das Dôres, que se venera na matriz d'esta capital, um sitio de terras denominado Meirelles com casa de telha, coqueiros e mais bemfeitorias que n'elle se achavão, sendo o terreno quanto estivesse debaixo de sua cerca. Verifica-se mais que d'esta terra tem estado de posse os réos a mais de 30 annos, como depõem as testemunhas quer da autora, quer dos mesmos réos. Mas attendendo a que os mesmos réos não juntão documento legal da compra, que allegão ter feito ao procurador da irmandade, e que mostre a data do anno e dia da referida compra para o decurso da prescripção; attendendo que os bens das igrejas só prescrevem por 40 annos, além de lhes ser concedido o beneficio de restituição (Assento de 30 de agosto de 1779); attendendo que as igrejas e mosteiros, e em geral as corporações de mão morta, que adquiriram bens na conformidade da Ord. liv. 2.<sup>o</sup> tit. 18 § 1.<sup>o</sup>, tem continuado a possuir os bens doados até o presente quando por titulo lucrativo: attendendo a tudo isto e ao mais que dos autos consta e disposições de direito com que me conformo, julgo a irmandade de N. S. das Dôres com direito á propriedade do sitio chamado Meirelles com a extensão do que comprehendem os lagares Meirelles e Lagoa-secca, a começar da parte do cercado que ainda existe, e pertence hoje aos herdeiros de Manoel Alves de Carvalho, conforme a restoria, e com a largura de 350 passos da costa para terra firme, como indicação as testemunhas; e condemno os reos não só a abrirem mão da dita terra, entregando-a á irmandade autora, como também ao pagamento dos fóros que se liquidarem pertencer aos limites da mesma terra desde o tempo que foi aceita a doação á rasão de 40 réis por braga, como é costume; e paguem os reos as custas.—Fortaleza 30 de maio de 1866.—*Manoel da Cunha e Figueiredo.*

*Autores — Herdeiros de Manoel Ferreira do Couto. — Réos Antonio Candido de Azevedo e Sá e sua mulher.*

«Não tendo os articulados contestado nem confessado os artigos de habilitação oppostos a fl. 116, mas antes em seus embargos a fl. 120 tratado de materia muito diversa, e não concorrente a habilitação, como cumpria, os hei por habilitados para com elles correr a causa, julgando provados os preditos artigos de habilitação. Paguem os mesmos articulados as custas.—Fortaleza, 26 de maio de 1866.—*Manoel da Cunha e Figueiredo.*

*Autor — Francisco de Sousa Teixeira. — Réo Joaquim José Pereira.*

«Vistos os autos etc. O autor Francisco de Souza Teixeira pede ao réo Joaquim José Pereira o pagamento de uma letra de sua responsabilidade e do valor de 75U000 rs., e juros contados do seu vencimento, que foi em 7 de abril de 1863. O réo, citado para a conciliação, como se vê fl. 3, foi revel, e ainda o foi quando citado para responder n'este juizo. Não tendo portanto opposto ao pedido do autor cousa alguma, que o releve do pagamento da quantia constante do documento a fl. 4, hei por provada a intengão do autor e condemno o réo Joaquim José Pereira a pagar o principal e juros da letra, bem como as custas.—Fortaleza, 30 de maio de 1866.—*Manoel da Cunha e Figueiredo.*

*Autora — Maria de Sant'Anna das Virgens. — Réo Bernardo José de Mello.*

«Vista ás partes.—Fortaleza 30 de maio de 1866.—*Cunha e Figueiredo.*»

### Juizo de Paz.

Houve audiencia na segunda e quarta feira, e foram accusadas as citagões seguintes:

Autor o curador dos africanos Francisco e seus filhos Francisco e Roseno=réo Delfino Ferreira da Costa.

Não se conciliaram.

Autor José Aliqua=réo João da Silva Braga.

Não se conciliaram.

Autores Mendes & Irmão=reo Manoel Paes Pinto de Vasconcellos.

Conciliaram-se

Autor Francisco Gonçalves Valente=reo Antonio Martins de Castro.

Não se conciliaram.

Autor Antonio Pereira Gomes Oras que viva=réo José Targine.

Não se conciliaram.

## LITTERATURA.

### Os ultimos dias de Pompea.

(Traduzido do francez.)

#### CAPITULO PRIMEIRO.

#### O TEMPLO DE ISIS E SEU SACERDOTE.

(Continuação.)

Entretanto nas cidades da Gran-Grecia (1) Isis não recebia o mesmo culto que no Egypto.

Os misterios do Nylo eram desfigurados por um mixto de todas as crenças da Grecia e da Italia, e o templo de Isis era servido por sacerdotes tão estranhos aos costumes como a linguagem dos antigos adoradores d'esta deusa.

Collocados aos dous lados da escada que ia para o sanctuario, os sacrificadores, vestidos de tunicas brancas, conservavão-se immoveis ante a multidão que se comprimia n'essa estreita passagem.

—Sobre que assumpto desejais uma resposta? Perguntou Arbaces ao negociante que mais perto estava dos degraus da escada.

—Desejamos, respondeu o negociante, conhecer a sorte dos navios que devem chegar de Alexandria.

Arbaces pareceu ficar absorvido em uma oração silenciosa.

Neste interim appareceram tres sacerdotes nos degraus da escada: um estava inteiramente vestido de branco, e tinha a cabeça coberta com um véo; o outro tinha em suas mãos uma grinalda votiva e uma varinha branca; o terceiro trazia um longo instrumento de sopro no qual tocou uma aria grave e solemne.

Para completar o quadro pitoresco d'esta cerimonia oriental, o magestoso ibis, passaro consagrado pelo culto Egypcio, contemplava silenciosamente do alto do muro o que se passava por baixo d'elle, ou passeava do lado do altar.

Arbaces seguia com attenção todos os movimentos dos aruspices, em quanto estes examuavão a

(1) Assim chamava-se a Italia meridional por causa das numerosas colonias gregas que ahi se haviam estabelecido.

Dizem que Silla, foi quem trouxe para Italia o culto de Isis Egypcia.



entranhas das victimas. Mostrou-se satisfeito, quando soube que os signaes eram favoraveis, e que uma chama brilhante principiava a consumir as entranhas sagradas entre uma espessa fumaça de mirra e encenso.

O silencio succedeu ao sussurro da multidão; um outro sacerdote nu até a cintura lançou-se para diante, e dançando com gestos selvagens, conjurou a deusa para que respondesse.

Ouviu-se um ligeiro ruido no interior da estatua de Isis. Sua cabeça moveu-se tres vezes, seus labios entreabriram-se, enfim uma voz cavernosa pronunciou estas palavras:

« Mil perigos vos esperão no outono.

« Mas entre os escolhos no abysmo do mar,

« Não serão sepultado os vossos navios,

« E' de Isis a resposta. Elles hão de repouso.

=Louvada seja a deusa para sempre!

Exclamaram os negociantes olhando-se reciprocamente com uma doce satisfação. Esta profecia é clara e precisa. Haverá tempestades como costuma acontecer no principio do outono; porém nossos navios serão salvos!

Depois de ter de novo imposto silencio, o grande sacerdote fez as libações; e uma curta oração havendo terminado a cerimonia, a multidão dispersou-se.

Então um sacerdote com um rosto odioso e repellente se aproximou de Arbaces, que tinha ficado só junto da balustrada, e o saudou com a maior familiaridade.

Muito bem, Calenus, disse Arbaces ao sacerdote, tens consideravelmente aperfeiçoado a voz da estatua, estou satisfeito com teus versos.

Promette sempre felicidade, em quanto ella não for absolutamente improvavel.

E inda mesmo que, respondeu Calenus com um maligno sorriso, os navios desses imbecis se perdessem, não o predissemos?

Horacio diz que o marinheiro do mar Egeo suspira pelo repouso! Ora que repouso mais perfeito do que encontra elle no fundo dos abysmos?

=Eu quizera replicou Arbaces, que o meu joven discipulo Apocedes aproveitasse as lições de tua sabedoria. Mas como preciso fallar-te a seu respeito, saiamos.

Entraram juntos para um quarto visinho da porta do templo, e sentaram-se a uma mesa coberta de carnes frias, ovos e vinhos excellentes.

=Sabes, disse o Egypcio em voz baixa, que sempre tive por maxima o ligar-me a mocidade. Dirijo a bel prazer o espirito novel e flexivel dos mancebos. Foi assim que encontrando em Napoles Apocedes filho de um atheniense estabelecido nessa cidade, resolvi tudo envidar para fazer d'elle um adepto dedicado ao nosso culto.

Por morte de seus pais que me conhecião e estimavão, fui nomeado seu tutor, assim como de sua irmã Jonia. O mancebo docil e brando cedeu facilmente ás primeiras impressões que de mim recebeu, e confio que meus esforços serão coroados de successo.

=E' verdade, respondeu Calenus, que a alma de Apocedes é muito susceptivel de enthusiasmo religioso; mas as nossas piedosas fraudes, as nossas estatuas fallantes, as nossas escadas furtadas já o teem revoltado contra nós.

Elle geme, amofina-se, recusa tomar parte em nossas ceremonias; ha mesmo suspeita de que elle frequente esses homens que renegão todos os nossos deuses, e considerão os nossos oraculos como inspirações desse espirito do mal, de que resão as tradições do oriente. Nossos oraculos!.....

Ab!... Bem sabemos quem os inspira.

=E' tambem, replicou Arbaces, o que me fasia temer as exprobações que ultimamente me fasia. Depois disto sempre me tem evitado; mas eu quero ganhar-o de novo e introduzil-o no sanctuario da sabedoria; quero ensinar-lhe que ha dous degraus para chegar á santidade, um a fé, outro a fraude; a primeira para o vulgo, a segunda para o sabio.

=E o que pretendeis fazer de Jonia? Desde que está em Pompea, só falla-se della como de uma outra Helena.

=Com effeito, sua belleza excede a tudo quanto a a Grecia produziu de mais perfeito; mas admiro sobre tudo nella uma alma digna de se unir a minha. Seu genio é superior ao de uma mulher, e embora tenha uma imaginação viva e brilhante, sua razão sabe sempre moderar-a e conduzir. Em caso de necessidade, seria tão corajosa quanto é meiga, e eis o caracter que até hoje tenho debalde procurado em uma mulher. E' forgoso que Jonia seja minha esposa; por agora só ella me estima como um amigo, um tutor; mas tenho confiança em meus prestigios. Não são somente a mocidade e a belleza que podem encantar Jonia, saberei seduzir a sua imaginação por meios mais poderosos, e toda vida de Arbaces é uma serie de triumpho de tal genero. Breve a convidarei para uma festa em minha casa, quero maravilha-la e possuil-a de admiração por todos os artificios que o Egipto empregava para formar suas jovens novigas. Mas importa antes de tudo apoderar-nos do espirito do irmão, o que não nos será difficil, e é para este fim que desejava fallar-te.

(Continúa.)

### O Somno da innocencia

Innocente—innocente, acorda, acorda,

Teu dormir é morrer;

Pois em quanto tu dormes, já trasborda

A taga do prazer:

Vem rir e vem folgar,

Que os prazeres do mundo são a vida...

E' preciso gozar.

.....

Ai! não acordes, não—mentira, engano!

O mundo deshumano

Quer em seus lagos entregar-te ao inferno,

E fazer-te infeliz:

Quem dera que teu somno fosse eterno

P'ra nem ouvires o que o mundo diz.

O maior dos prazeres dura um'hora.

Um instante talvez;

Depois, qual fumo vão que se evapora,

Desapparece e não vês.

Aqui não ha prazer,

Puros gozos so ha no seio Eterno,

Aqui só padecer.

Ataga que te dão. de que te fallam

Contém cruel veneno,

Côm que o incáuto coração nos ralam

Do grande e do pequeno!

Innocente, innocente=dorme, dorme

Na Graça do Senhor,

No regago da paz e da innocencia

Sem afflições e dor!

Dorme, que o somno embalam-te os archanjos

E mimosos favonios...

Dorme, dorme—sinão—fogem-te os anjos,

Embalam-te os demonios...

Remrsos, desamor!



**Efeitos da educação.**

POR UMA CEARENSE DE 10 ANOS.

Que tem a mamã, que tem?  
Està comigo agastada?  
Por ventura lhe offendi?  
Ah! mamã, não lhe fiz nada.

Nada lhe fiz de desgosto;  
Estudei minha lição;  
De manhã quando acordei  
Lhe fui pedir abengão.

Pratiquei quanto ensinado  
A mamã, thé hoje tem:  
Não lhe fiz malcriação,  
Não sou já, mamã, seu bem?!

Ora mostre um riso seu  
Dê-me um abraço e um beijo;  
Ande, mãisiuha querida,  
Satisfaça o meu desejo.

Eu buli na costureira,  
Confesso; a mamã perdôa?...  
Ri-se; me estende os braços...  
Veja a mamã como é boa!...

**SEMANARIO.**

Não temos a registrar nenhum facto notavel occorrido durante a semana que hoje finda.

=A 29 chegou a este porto, procedente de Pernambuco e portos de escala, o vapor costeiro *Parahyba*, que regressou no dia 30; e afóra a noticia de haver defendido theses na faculdade de direito do Recife o bacharel Graciliano de Paula Baptista, que obteve approvação plena, e de ter resolvido a camara municipal daquella cidade mandar cantar um Te-Deum á chegada do resultado definitivo da guerra com o Paraguay, nenhuma outra noticia nos trouxe aquelle vapor.

=Pelo Exm. presidente desta provincia foi authorizada a thesouraria provincial a comprar 2 armazens na praia proximo ao lugar do embarque para deposito do algodão que tiver de ser exportado.

A providencia é excellente, e ha muito reclamada pelo commercio.

=Foi demittida a bem do serviço publico a professora do ensino primario do Pereiro Maria Ignacia Francisca do Nascimento.

=Foi removido a seu pedido o professor primario da Varzea-Grande, Manoel Jorge Vieira, para a cadeira do mesmo ensino na povoação do Parasinho.

=A seu pedido foi demittido o 2.<sup>o</sup> supplente do subdelegado de policia da Varzea-Grande, termo da Granja, Antonio Gregorio Moreira.

=Segundo noticia o *Cearense*, passou a cidade do Aracaty por uma terceira inundação com os enchentes do Jaguaribe. Immensos estragos soffreram as propriedades e a lavoura.

=Os diarios *Constituição*, *Cearense* e *Pedro II* saudaram cordealmente a appareição do nosso jornal.

Temos para todos elles viva gratidão.

=A professora D. Perpetua Carolina de Moraes foi marcada a gratificação annual de 180U000 réis correspondente a 5.<sup>a</sup> parte do seu ordenado.

=Segundo cartas que recebemos do Trahiry, a camara de sangue declinou consideravelmente.

Deu-se por finda a commissão de que se achava alli encarregado o Dr. José Antonio da Silva Viana, que prestou relevantes serviços.

=O vapor *Parahyba* conduziu para este porto os passageiros seguintes:

João Paula Barboza, José Joaquim Fernandes, João Francisco Ramos Junior, José Gurgel do Amaral Barbosa, Alipio Luis Pereira da Silva, Tenente coronel Silveste Ferreira Caminha, Modesto Alexandre, Padre Clicerio da Costa Lobo, Adolpho da Costa Lobo, Raymundo Francisco dos Santos Caminha, Joaquim Antunes d'Oliveira, Antonio Lino Muna da Costa, José Correia dos Santos, Eduardo Correia dos Santos, João Anreliano Correia dos Santos, Abel Remigio de Mello, Manoel Evaristo Pereira de Lagos, e sua Sra. e 1 mana.

=O mesmo conduziu para Pernambuco os seguintes:

Joaquim José de Oliveira e sua senhora, D. Sabina Maria do Sacramento e sua filha, Evaristo Pinto da Costa, José Saraiva e Augusto Carlos Rabello de Miranda.

O vapor *Santa Cruz* trouxe dos portos do norte para este os passageiros seguintes: Frederico Pier, Manoel Felipe de Brito, Aldolpho Schermann e Pedro Saraiva da Silva, e para o sul: Vicente Lopes da Silva; José Mendes da Silva, Antonio Jose Fernandes Guimarães, José Maria Nogueira, Antonio Manoel Crespo, B. Quif, Guilherme Wlerbuck, Jeronimo José Ramos, Antonio Gonçalves de Abreu, Luiz José Vianna, onze pragas para o exercito e tres escravo a entregar.

Desta provincia conduziu o mesmo vapor José Correia dos Santos, Eduardo Correia dos Santos, tenente-coronel Silveste Ferreira dos Santos Caminha, Raimundo Ferreira dos Santos Caminha, Alipio Luiz Pereira da Silva, Joaquim Maria de Jesus, Francisco Marques Figueredo, Herculano José de Almeida e dous escravos a entregar.

=Perto da povoação de Arronches Fortunato Jozé Pereira, travando-se de razões com Amancio Alves da Paz, puchou d'uma faca e feriu a este gravemente. O criminoso foi preso e está sendo processado, e o offendido foi recolhido ao hospital da Santa Casa.

=A companhia de encanamento d'agua do Bemfica deu principio ao chafariz da praça da Municipalidade.

Não tivemos ainda occasião de visitar o reservatorio, nem as demais obras dessa companhia; mas assegurão-nos que o seu estado é assás li-songeiro.

=No dia 30 á noite teve lugar na Sé a cerimonia da consagração á Santissima Virgem, em conclusão aos exercicios do mez mariano. O acto esteve esplendido: a concurrencia de povo foi enorme, e pregou o reverendo lazarista Enrile, vice-reitor do seminario episcopal.

Ainda esta vez o nosso povo deu provas de alta veneração á Santissima Virgem, e de um espirito de ordem mais que commum.

=No vapor *Santa Cruz*, que tocou n'este porto no dia 30, embarcou para a côrte o Sr. Herculano José de Almeida, afim de, por nossa conta, aperfeigoar-se na arte de imprimir lithographia, ou contractar um impressor, no caso de não julgar-se perito em quinze dias.

Vêem, pois, os leitores que mui breve cumprimos a nossa promessa.

=Chamamos a attenção de quem competir afim de ser dissolvida uma sociedade de atravessadores de gado, que tem feito ha muito tempo o pobre povo comer carne de 200 a 240 réis.

=Installou-se no dia 29 uma sociedade parti-



cular, que pretende dar alguns espetáculos no nosso theatrinho.

=O Sr. José Bernardo da Silva pediu e obteve demissão do cargo de escrivão da collectoria da Telha, sendo nomeado para substituí-lo o Sr. Joaquim Alves Martins.

=Achão-se preparados para serem apresentados ao jury na próxima sessão os processos seguintes:

Autora a justiça=réo Angelo Martins Guimarães, pronunciado como incurso no art. 193 do Cod. Criminal.

Autora a justiça=réo Joaquim José dos Anjos. (Art. 192.)

Autora a justiça=réo Candido Francisco Freire. (art. 205.)

Autora a justiça=réo Paulino Pereira da Silva (art. 201)

Autora a justiça=réo Miguel Antonio Jacarandá (art. 206).

Autora a justiça=réo José da Frota Lima (art. 205).

Autora a justiça=réo Manoel Marques de Souza (art. 205.)

Autor Liberato Francisco Sampaio=réo José Ramalho de Castro (art. 237 § 39.)

Autor Manoel José de Queiroz=réo José Ferreira Lima (art. 257.)

=As *Lendas e canções populares* do Sr. Juvenal Galeno tem tido no mundo litterario as maiores ovações.

Comprimntamos por nossa vez o poeta cearense, e lhe desejamos muitos louros na senda que galhardamente trilha.

—No dia em que se distribuiu o nosso jornal foi a respectiva officina visitada por um grande numero de pessoas de todas as classes.

Agradecemos-lhes esta honra.

—Os passeios, vulgo calçadas, de muitas ruas desta cidade estão quasi intransitaveis nas noites escuras; porque os tijolos que os formão achão-se deslocados, e impedem o livre transito. Por exemplo os passeios dos quartos da feira nova, da rua da Palma outr'ora do Fogo etc.

Chamamos para isto a attenção dos fiscaes da Camara Municipal, e ta bem para o costume dos inquilinos e proprietarios concertarem esses passeios com tijolos de diferentes cores e tamanhos.

—O Sr. Dr. José Julio de Albuquerque Barros annunciou ter aberto escriptorio de advocacia á rua da Palma.

E' mais um cultivador da sciencia do direito, que vem derramar suas luzes no foro desta cidade

—Chamamos a attenção do Sr. Dr. chefe de policia para uma mulher, que vaga diariamente as ruas desta cidade com offensa da moralidade publica.

Essa mulher, que dizem chamar-se Magdalena, costuma estacionar defronte das casas de familias e proferir as maiores obscenidades.

—Consta-nos que S. Exc., o Sr. presidente, ordenára a construcção de uma bomba para evacuação das aguas do Pajeu' pelo sitio, outr'ora do Sr. commendador Mendes, e hoje palacio episcopal.

E' uma medida muito util, e reclamada pela estação invernosa a bem do transito publico.

—Achamos de utilidade publica a fatura do calçamento em redor da sé. S. Exc. convirá, sem duvida, em que essa obra, alem de trazer a vantagem do aperfeiçoamento de um dos mais bellos pontos da cidade, concorre muito para facilitar o transito não só para o palacio episcopal, como tambem para o seminario e collegio de educandos.

—Reabrio-se o seminario desta diocese, que

havia sido encerrado por causa da epidemia de camaras de sangue.

S. Exc. Revm.<sup>a</sup> o Sr. bispo diocesano, que muito tem feito em prol'd'esta bella instituição, vai continuar a ver medrar os fructos dos seus bons desejos e de sua dedicação evangelica.

—O Sr. D. Luiz Antonio dos Santos foi convidado pelo Exm. Sr. bispo do Pará para funcionar na sagragão do bispo nomeado para a provincia de Goyaz.

S. Exc. sem duvida hade concorrer com sua respeitavel presenca a esse sublime acto.

—Teve lugar no dia 31 a festa que se costuma commemorar no encerramento do mez Mariano. Pontificou S. Exc. Revd.<sup>ma</sup> e pregou o Rev. Lino. A tarde sahio a procissão, que esteve esplendida; acompanhando S. Exc. o Sr. presidente da provincia, bispo diocesano e muitas autoridades gradas. A procissão tomou a seguinte direcção: travessa da Sé, rua das Flores, rua da Palma, rua das Hortas, rua Formosa, rua das Trincheiras, praça da Municipalidade, travessa e rua da Boa vista, praça da Assembléa, e dahi a cathedral.

## MISCELLANEA.

Quem sabe estudar e calar-se, ser inflexivel contra seus defeitos, e amoldar-se ás circumstancias, dar credito ao seu coração, e desconfiar de seus olhos sabe viver e morrer.

—  
Não é no theatro que qualquer deve procurar internecer-se, mas sim em casa dos pobres e desgraçados; quem ahi vai derramar lagrimas enchugará as proprias.

—  
A ignorancia é a noite do espirito, mas uma noite sem lua nem estrellas.

—  
Não saber supportar a pobreza é uma cousa vergonhosa, porem não saber expelli-la pelo seu trabalho é uma cousa ainda mais vergonhoza.

—  
Para ter boa voz e clara.= Tome-se a flor do sabugueiro, e seccando-a ao sol, moida lance-se os pós em vinho branco, e tome-se em jejum.

—  
Segredo para que um frango estando vivo, pareça morto e assado na meza, e outro para fazer o saltar e fugir.—Tomem summo de aypo, e misturem-no com aguardente refinada; deitarão, de molho umas migalhas de pão n'esta agua misturada com summo de aypo, darão de comer ao frango em jejum d'estas migalhas; e d'ahi a pouco cahirá o mesmo frango no chão amortecido; no mesmo instante tirar-lhe-hão todas as pennas, e untarão com mel branco e misturado com açafraão de sorte que fique bem corado, e pondo o frango em um prato na meza parecerá assado; e quando quizerem fazer o tornar a si, e saltar fora da meza, molhar-lhe-hão o bico com um pouco de vinagre forte que lhe chegue á garganta: e de repente o frango levantará e fugirá da meza.